

por Oliveira Guimarães; *Catalogo das moedas romanas, celtibericas e visigodas*, por Albano Bellino.

*

O DOLMEN DA BARROSA, notícia abreviada d'este monumento pelo general Mesquita Carvalho, Porto, Magalhães & Moniz, 1898, 130 pag., in-8.º, com uma estampa do monumento na capa, e uma planta e côrtes no fim. Preço 500 réis.

Illude-se o leitor, se espera encontrar neste livro alguma notícia archeologica de certa importancia. O auctor é espirito cultivado, e escreve com facilidade e elegancia; mas, em relação ao monumento que serviu de pretexto para o seu trabalho, limitou-se a dar d'elle uma estampa, a tomar umas medidas, e a fazer uns esboços (o mais que ahi incluiu são meras divagações). Desconhece (pag. 98) que existem muitos monumentos d'este genero no Minho, e nem mesmo cita o que sobre o dolmen da Barrosa em especial se tem já escrito. Á cêrca da explicação (pag. 100) que dá da remoção das lages que constituem os dolmens feitos pelos homens prehistoricos confirma o que eu tambem disse nas *Religiões da Lusitania*, I, 274.

J. L. DE V.

O Castro do Lombeiro de Maquieiros em Gondesende (Bragança)

Na margem direita do Rio Vasseiro e termo de Gondesende, a poente e distante d'esta povoação da margem esquerda do mesmo rio 2 kilometros e de Bragança 14, proximamente, encontrei a inscripção A numa fraga a que chamam «molar», que está quasi toda soterrada pelo terreno da encosta, ficando apenas a descoberto a parte que a contém, que me parece completa e considero exacta, pois tirei várias provas d'ella, sendo todas conformes. A 0^m,1 á esquerda dos caracteres, e correspondente á 2.^a linha vê-se um pequeno buraco de 0^m,04 de diametro e 0^m,3 de profundidade. Por baixo da fraga informaram-me ter-se visto noutro tempo uma grande cavidade que suppunham ter sido feita por individuos que tivessem vindo ali á procura de thesouros. Inferiormente e quasi contigua a ella está outra fraga de côr negra e de natureza mais rija, que parece pela sua collocação ter alguma relação com esta. A sua situação vae indicada no esbôço B que tirei á vista d'esta posição, e pelo qual se pôde fazer uma ideia bastante approxi-

mada da sua fôrma, configuração e natureza das suas encostas, que a não ser pelo poente, para onde se continúa formando o terreno pequenos ondulações, pelos outros lados são de tal modo íngremes que torna difficillimo o seu accesso, principalmente a do lado do sul, que é formada por um rochedo enorme cortado a pique. E por isso raras vezes são cultivadas por ser custoso o seu fabrico, razão porque o mato de carvalho e de esteva toma taes proporções, que mal se pôde penetrar nelle e fazer a sua exploração.

No alto d'esta posição encontrei um formoso castro, cuja configuração se vê tambem do esbôço, formado por muralhas de pedra sôlta, apresentando na parte do poente uma elevação circular que ora me pareceu ser uma pequena torre desmornada, ora se me afigurou, pela sua fôrma, que fosse alguma mamôa ou modorra. Em volta das muralhas, cujas ordens de andares não pude bem precisar, por o meu reconhecimento ser feito muito á pressa, vêem-se ainda, em partes, vestigios de fosso.

Existindo até hoje numa obscuridade absoluta, sem ter ninguem que fallasse da sua inscripção, das suas muralhas, das suas fragas e dos outros vestigios que nelle se encontram á superficie do solo, taes como pedaços de granito trabalhado, que cálculo haverem pertencido a mós manuaras, e fragmentos pequenissimos de louça grosseira, o nosso Castro não era conhecido pelas povoações circumvizinhas senão pelo nome de «Lombeiro de Maquieiros». Muito longe se estava de se suppor que elle era, a avaliar pelas suas inscripções (pois dizem-nos que alem d'esta ainda lá existe outra muito semelhante que não fomos capaz de encontrar) uma estação archaica da mais alta importancia e digna de ser estudada e venerada, como um marco que assignala a passagem de uma civilização e como um fragmento da immensa historia da humanidade, no periodo em que ella é mais interessante e curiosa, por nos dizer do homem e da sociedade quasi na sua infancia.

Assim, sobre esta inscripção, o nosso amigo J. Leite de Vasconcellos, a quem pedimos o obsequio de a decifrar, disse-nos:— «*hoc opus, hic labor est!* Aquillo não serão letras das nossas, mas o que eu nas *Religiões da Lusitania* chamo insculpturas pre-historicas: lá, a pag. 350—390 do vol. I, estudo este assunto, dando desenho de muitas, —algumas analogas á sua,— e mostrando a relação de várias d'ellas com os castros».

O conhecimento da epocha a que o castro pertence é ainda, por outro motivo, de uma importancia capital por poder lançar immensa luz sobre o estudo da archeologia d'esta região, dando-lhe orientação e permitindo a classificação dos diversos castros que por aqui se encon-

tram, que até hoje mal se conjecturava o que fossem, considerando-os alguns, á falta de melhor fundamento, de «touraes dos mouros» ou de «atalayas»! Mas, se o confrontarmos agora com os castros da Sapeira, em Babe, com o de Samil, aonde a pouco mais de 100 metros a sul se vê uma fraga com a «*pègada da Senhora*», e proximo da vertente occi-dental outra chamada da «*Salvage*», com o de Fromil ou «*Toural dos mouros*», com o de Ouzilhão¹ ou a «*Muradilha*», e com varios outros, somos levados a crer que elles são todos do mesmo tempo.

Isto se induz, álem de outros indicios, da semelhança da sua posição, natureza e fórma da sua construcção, e grandeza e amplitude do seu recinto. De modo que, parece-me, sem commetter grande êrro, podemos assentar em classificar os castros d'estes sitios em «prehistoricos ou do typo do de Maqueiros», e em «luso-romanós ou romanos ou do typo do de Sacoias». Áquelles pertencem os já mencionados, e a estes, entre outros, o de S. Pedro Velho em Babe, Torre Velha (Castro de Avellãs), Lombeiro Branco (Meixedo), Devesa (Villa Nova) e o Sagrado de Donae.

*

O que é facto é que se sente o que quer que seja que nos impresiona sobre modo ao andar por cima da muralha do nosso castro; ao observar o horizonte que d'elle se descortina, que ainda é bastante vasto para o nascente; ao reparar nos seus enormes fraguados, alguns dos quaes nos parecem estarem ali postos pela mão do homem, e no esculpado das suas encostas, que dão a esta posição o aspecto de precipicio; e particularmente ao ver essa inscripção ou antes esses caracteres ainda desconhecidos e indecifrados que contém o segredo, a historia dos que o habitaram, e de que lhes traduzem, talvez, um dos seus sentimentos mais elevados—o da sua crença ou da sua religião. Então como que vemos surgir por entre aquelles matos e rochedos, por entre aquelles arbustos, seres humanos, caracterizados por uma feição primitiva, que aproveitavam os abrigos naturaes para sua guarida e defesa, parecendo estarem a contemplar-nos com um olhar mysterioso, vago e incerto, e a articular uma lingoagem que não comprehendemos, nós, por ventura, os seus descendentes!

Bragança, Janeiro de 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

¹ Em Ouzilhão, álem d'este castro, existe outro que ainda não tive occasião de o ir ver, mas que, a julgar pelas informações que tenho e pelas moedas nelle encontradas, é romano.

A Cópia da inscrição do Castro de Maquieiros



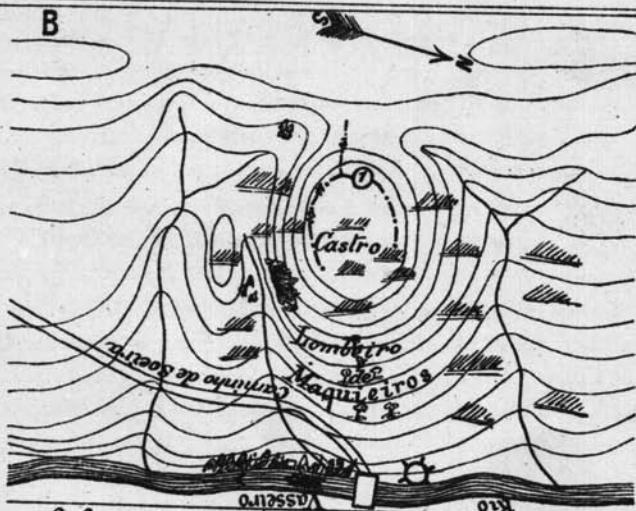
1-1- O tracejado
indica signaes cavados
muito ligeiramente

-2- Buraco

- Distancia das letras ao buraco, 1; corpo
das letras regula por 0,09

- O parallelogrammo que limita a inscripção
representa a forma da fraga fóra da terra.

B



Esboço á vista do Lombeiro de Maquieiros

----- Murallas

1- Torre ou Mamão

2- Fraga com a inscripção

Fragedos

Arvores

Matto

Moinho

E 1/10.000